

# A RECESSÃO É A ÂNCORA DISPONÍVEL

Desde que enveredou pelo caminho sem volta da desvalorização do real, o governo vem tentando dourar a pílula. Primeiro, o presidente Fernando Henrique e alguns ministros anunciaram que os juros cairiam rapidamente, depois saíram fixando limites para a inflação deste ano, como se esses anúncios tivessem algum efeito sobre a taxa. Enquanto isso, o real continua despencando e as duas possibilidades — a queda dos juros e o controle da inflação — ficam cada vez mais difíceis. No momento, são incompatíveis e o governo sabe muito bem disso. Sabia desde

que optou pela desvalorização, só não teve coragem de admitir.

A equipe econômica deve divulgar nos próximos dias as bases do novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o tamanho do ajuste fiscal necessário para o cumprimento desse acordo. Vai ter que informar também com que cenários trabalha para 1999. E aí nós vamos ver que não tem má-gica, nem notícias boas. A recessão vai se aprofundar e os juros devem ficar altos ainda por um bom tempo, porque não existe outra receita conhecida para conter a inflação depois que o real se desvalorizou 41% em relação ao dólar.

Tudo isso era perfeitamente previsível. Aconteceu nos países asiáticos e ainda assim o governo optou pela desvalorização da moeda num momento de grande instabilidade da economia. Foi pressionado por setores como a Fiesp, por exemplo, que agora esbraveja contra os juros altos. Ninguém avisou aos empresários quais seriam as consequências da desvalorização?

O ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola lembra que até alguns sindicatos chegaram a defender a desvalorização da moeda. Nesse caso, provavelmente por desconhecer o efeito devastador que isso teria sobre os salários. Sócio da Consultoria Tendências, Loyola estima que a queda do PIB chegará este ano a 4,5% e não vê outra saída possível para reestabilizar a economia a não ser uma política monetária austera

(juros altos) no curto prazo.

A melhor coisa que poderia acontecer com o Brasil, na opinião de Loyola, é uma trajetória para a economia semelhante à da Coreia, que também desvalorizou brutalmente a sua moeda, mas voltou a se recuperar num prazo relativamente curto, cerca de seis meses. Ainda assim, no ano passado, o país registrou queda no Produto Interno Bruto (PIB) de 7%.

Há diferenças entre as duas economias. Algumas favorecem o Brasil e outras o colocam em desvantagem, lembra Loyola. A situação fiscal brasileira é pior do que a dos coreanos e aqui temos a

## O GOVERNO ESCOLHEU ESSE CAMINHO AO DESVALORIZAR O REAL. SÓ QUE NÃO TEM DEIXADO ISSO CLARO PARA A SOCIEDADE

memória inflacionária, que se mostrou muito viva neste curto período pós-desvalorização do real. As vantagens seriam um sistema financeiro mais sólido e um setor privado menos exposto ao risco cambial. Somando prós e contras, teríamos razoáveis chances de fazer a travessia. Não, evidentemente, sem dor, nem traumas. E é isso que o governo muitas vezes prefere esconder.

Falar na volta do crescimento, queda dos juros e inflação anual de um dígito é coisa para o futuro ou pura hipocrisia. Pelo menos se o objetivo for mesmo segurar a inflação. A âncora disponível no curto



prazo para conter os preços é a recessão. Este é o caminho que o governo escolheu ao desva-

lorizar o real. Ou imaginava, por acaso, que os empresários iriam absorver os aumentos de custos sem repassá-los aos preços por patriotismo? Alguns setores até poderão fazê-lo, pressionados pela queda nas vendas. Não há outra hipótese, pelo menos nesse modelo de política econômica. Se insiste em seguir essa política, o governo poderia pelo menos ser um pouco mais transparente e deixar de usar eufemismos como fez ao anunciar a inflação de dezembro anualizada (mais baixa) no lugar da taxa acumulada prevista para este ano. São truques que enganam uns poucos por muito pouco tempo.